

A determinação da substancialidade e o aspecto gradativo dos entes naturais em Aristóteles

The determination of substantiality and the gradual aspect of natural beings in Aristotle

Resumo

Em *Metafísica Z3*, Aristóteles declara que uma substância se identifica como tal, sobretudo ou principalmente, pelo fato de dispor das características de ser algo separado (*χωριστὸν*) e de ser um certo isto (*τόδε τι*). E, no início de *Z2*, o filósofo afirma que as substâncias parecem pertencer de uma maneira mais manifesta entre os corpos, os quais seriam expressos, comumente, através dos entes ou dos seres que se apresentam na natureza. Neste artigo, pretendo estabelecer uma análise na qual as noções de *χωριστὸν* e de *τόδε τι*, enquanto critérios intrinsecamente articulados para a determinação do caráter substancial dos entes naturais, poderiam ser compreendidas, respectivamente, sob certos sentidos de independência e de unidade, estreitamente relacionados ao conceito de forma imanente (*τὸ εἶδος τὸ ἐνόν*), no âmbito investigativo de *Metafísica ZH*. A partir de tal análise, procurarei, então, traçar um panorama geral no qual, de acordo com os tratados de filosofia natural, a possível presença do elemento substancial nos variados tipos de composições naturais, poderia ser examinada à luz de determinado aspecto gradual de unidade e de coesão interna, associado a esses tipos composicionais.

Palavras-Chave: Substância, matéria, forma, composto de matéria e forma, entes naturais.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) romaodc@gmail.com

Abstract

*In Metaphysics Z3, Aristotle declares that a substance is identified as such, mainly, by having the characteristics of being something separate (*χωριστὸν*) and of being a certain this (*τόδε τι*). And at the beginning of Z2, the philosopher states that substances seem to belong in a more manifest way among bodies, which would be commonly expressed through beings that appear in nature. In this paper, I intend to establish an analysis in which the notions of *χωριστὸν* and *τόδε τι*, as intrinsically articulated criteria for determining the substantial character of natural beings, could be understood, respectively, under certain senses of independence and unity, closely related to the concept of immanent form (*τὸ εἶδος τὸ ἐνόν*), in the investigative scope of Metaphysics ZH. Based on this analysis, I will then try to draw a general panorama in which, according to the treatises on natural philosophy, the possible presence of the substantial element in the various types of natural compositions could be examined in the light of a certain gradual aspect of unity and internal cohesion, associated with these compositional types.*

Keywords: Substance, matter, form, composed of matter and form, natural beings.

1. Introdução

A partir do exame das noções de *τόδε τι* (certo isto) e de *χωριστὸν* (separado), como principais critérios para a determinação do caráter substancial dos compostos naturais em Aristóteles, pretendo estabelecer *certa* delimitação de variabilidade quanto ao grau do aspecto substancial relativo aos diferentes tipos de seres existentes na natureza, os quais, de acordo com a concepção aristotélica, corresponderiam, basicamente (i) aos compostos elementares, (ii) aos corpos homogêneos inanimados e (iii) aos organismos vivos.

Apesar da questão da delimitação do caráter substancial dos compostos naturais em termos de distinções variáveis de graus de substancialidade já ter sido tratada na literatura especializada¹, no presente artigo, procurarei

1 Ver, por exemplo: Angioni, L., 2000, p. 16; Cohen, S. M., 1996, p. 04; Furth, M., 1978, p. 638.

indicar, especificamente, as razões para tal delimitação, por meio de determinada consideração a respeito de como as noções de *τόδε τι*, e de *χωριστόν*, poderiam servir de critérios, para a determinação do caráter substancial dos diferentes tipos de seres naturais. O que determinaria que um composto natural comporte o caráter de ser uma substância seria, precisamente, o fato de ele ser uma unidade (*τόδε τι*) independente (*χωριστόν*). No entanto, como será examinado mais adiante, considero que uma *unidade independente* seria melhor compreendida através de uma *junção* entre aquilo que será discernido como *οὐσία* (*ousía*) (i) (causa substancial ou essencial) e *οὐσία* (*ousía*) (ii) (traço, propriedade, substancial ou essencial)². No artigo, procurei mostrar isto em termos concretos, na investigação dos seres naturais.

No caso dos organismos vivos, a junção entre *οὐσία* (i) e *οὐσία* (ii) se daria na medida em que o calor vital (*οὐσία* (i)) é incorporado ao novo organismo em formação, sendo responsável, *pari passu*, por *in-formar* um arranjo estrutural determinado, sem o qual não haveria alma (*οὐσία* (ii)) ou atividades anímicas, isto é, atividades essenciais que se caracterizam por um conjunto articulado de funções vitais, tais como nutrição, reprodução, sensação, locomoção, imaginação, memorização, experienciação, intelectção – há outros traços ou propriedades funcionais que não seriam substanciais ou essenciais, tais como, por exemplo, a função anímica de proteção e/ou de ataque dos chifres de certos mamíferos, mas que seriam subsumidos pelo traço ou propriedade essencial, substancial, da *ψυχή* (*psyché*).

Agora, no caso dos corpos homogêneos inanimados, a junção entre *οὐσία* (i) e *οὐσία* (ii) ocorreria de uma maneira mais simples ou menos complexa, relativamente aos organismos vivos. O calor natural (*οὐσία* (i)), ao ser incorporado a um material elementar, desencadeia uma atividade de cocção no qual os elementos envolvidos neste material sofrem um processo de mistura. Assim, o calor natural incorporado seria responsável por determinar a natureza substancial do corpo homogêneo inanimado, na medida em que confere passivamente a este corpo (forma passiva) certo grau de umidade e de sequeidade (potencialidades passivas), que determina a sua característica essencial.

2 Os dois sentidos de *οὐσία* mencionados acima, a saber, *οὐσία* (i), entendida como causa substancial ou essencial, e *οὐσία* (ii), entendida como traço, propriedade, substancial ou essencial foram considerados a por meio de ANGIONI, L., 2008, pp. 383-384, p. 387. A partir destes dois sentidos, penso que a ideia de unidade independente seria, talvez, mais adequadamente compreendida através de uma junção estabelecida mediante estas duas acepções de *οὐσία*.

Quanto aos compostos elementares, pseudo-substâncias, não haveria uma junção entre οὐσία (i) e οὐσία (ii), pois nestes compostos naturais não haveria uma causalidade de caráter formal (οὐσία (i)), que atribuísse um traço, uma propriedade, substancial ou essencial (οὐσία (ii)) ao composto, visto que, nestas circunstâncias, as mesmas propriedades essenciais dos componentes permanecem como tais no todo composicional.

2. Critérios para a determinação da substancialidade natural

Nas linhas finais do primeiro capítulo do livro VII da *Metafísica*, Aristóteles declara que a questão a respeito de que coisa é o ser, sempre investigada, “agora e sempre” (τε καὶ νῦν καὶ ἀεὶ), e que em todo tempo gerou muitas dificuldades, poderia corresponder à questão: o que é a substância (οὐσία)? (*Metafísica*, VII.1, 1028b2-4). No livro V da *Metafísica*, no contexto em que o filósofo se dedica ao exame do significado, ou dos significados, daquilo que expressaria os fundamentos da realidade ou do ser, isto é, da substância, ele procura delimitar o seu sentido, concisamente, da seguinte maneira:

*A substância se diz segundo dois modos, o substrato último, que não mais se diz de outro, e algo que sendo um certo isto seria também separado: e desse tipo é a configuração e a forma de cada coisa*³⁴. (*Metafísica*, V.8, 1017b23-26)

Por um lado, a substância é entendida como (i) “o substrato último, que não mais se diz de outro”, a partir do qual se afirmam todos os outros atributos aspectuais do ser, bem como (ii) *um certo isto* (τόδε τι) que tem a característica de ser separado (χωριστόν), e que está associado à forma (εἶδος) de determinada coisa.

Certas coisas seriam ditas “substâncias” pelo fato de não serem afirmadas de nenhum subjacente, de modo que tudo o mais se afirmaria delas (*Metafísica*, V.8, 1017b12-13). De acordo com Aristóteles, no campo da análise do discurso, a partícula “é” se predicaria do sujeito segundo duas perspectivas ou modos: o

3 Κατὰ δύο τρόπους τὴν οὐσίαν λέγεσθαι, τὸ θ' ὑποκείμενον ἔσχατον, ὃ μῆκετι κατ' ἄλλου λέγεται, καὶ ὃ ἂν τὸδε τι ὄν καὶ χωριστόν ᾗ: τοιοῦτον δὲ ἐκάστου ἡ μορφή καὶ τὸ εἶδος.

4 As traduções dos trechos citados das obras de Aristóteles foram realizadas a partir das edições dos textos gregos, que constam nas referências bibliográficas.

“é” se predicaria de um modo primário da substância e, de um modo derivado das outras categorias do ser, pois o “é” se diz de uma maneira absoluta da substância e de uma maneira secundária com relação às qualidades, às quantidades etc. dos seres (*Metafísica*, VII.4, 1030a20-23). Isto porque tais atributos são caracterizados por serem ontologicamente dependentes das substâncias, ou seja, dependem das substâncias para se manifestarem na existência.

Neste sentido, o *o que é* (τὸ τί ἐστίν) poderia ser analisado fundamentalmente segundo, também, duas perspectivas: como algo determinado e ontologicamente independente, correspondendo à principal categoria do ser, a saber, a substância, e como atributos da substância, os quais correspondem a todas as demais categorias tais como a qualidade, a quantidade etc. (*Metafísica*, VII.4, 1030a18-20).

No tocante à principal categoria do ser, a substância poderia ser analisada a partir de dois princípios: matéria e forma. Em linhas muito gerais, a matéria é o princípio por meio do qual uma substância vem a ser constituída e a forma, o princípio em função do qual o componente material vem a ser determinado com as características que definem o que, justamente, uma substância é, isto é, ser *um certo isto* (τόδε τι) e ser separado (χωριστὸν), bem como ser um “substrato último, que não mais se diz de outro” (ὑποκείμενον ἔσχατον, ὃ μηκέτι κατ’ ἄλλου λέγεται) (*Metafísica*, V.8, 1017b24-25).

Contudo, a característica de ser o substrato último, a partir do qual são ditas as outras coisas, não seria suficiente para estabelecer uma determinação precisa do que é ser, estritamente, uma substância (*Metafísica*, VII.3, 1029a7-10). Tomando apenas esse sentido, o elemento material de uma composição substancial poderia ser, também, considerado como algo que se diz ser uma substância, além de sua dimensão formal. Mas a matéria, considerada como tal⁵, não é dita ser algo definido⁶ (*Metafísica*, VII.3, 1029a21) sem antes ser determinada pelo princípio formal, de modo que ela, portanto, não poderia

5 Cumpre notar que o termo “matéria” não possui uma referência fixa. Como Aristóteles diz: “A matéria é algo dos relativos: pois para uma outra forma, uma outra matéria” (τῶν πρὸς τι ἢ ὅλη· ἄλλω γὰρ εἶδει ἄλλη ὅλη) (*Física*, II.2, 194b8-9). Relativamente ao ser vivo, a matéria corresponde ao conjunto articulado das partes não homogêneas (rosto, mão, coração etc.), o qual perfaz o corpo do organismo como um todo. Mas, por exemplo, a mão, considerada em si mesma, é algo determinado, composto de matéria e forma. Do mesmo modo, as partes homogêneas (carne, ossos etc.), sendo matéria relativamente às partes não homogêneas, em si mesmas, apresentam propriedades formais e uma matéria respectiva: certa composição dos quatro elementos (*Partes dos Animais*, II.1, 646a12-25; *Geração dos Animais*, I.1, 715a9-12).

6 A matéria, em si, seria algo definido ou determinado, ou seja, *um certo isto* (τόδε τι) somente em potência, e não em ato (*Metafísica*, VIII.2, 1042a27-28)

satisfazer a condição de ser um substrato último e, ao mesmo tempo, de ser *um certo isto* e de ser separado.

A união da matéria e da forma no composto substancial constitui aquilo que Aristóteles denomina de sínolo (σύνολος). Assim, em certo sentido – em um sentido mais fraco – a matéria se diz substância (*Metafísica*, VII.3, 1029a29-30), em outro sentido o sínolo se diz substância (*Metafísica*, VIII.1, 1402a29-30) mas em um sentido próprio, ou estrito, é a forma que se diz substância, pois é em função dessa propriedade entitativa que a matéria no composto substancial vem a adquirir as características que especificamente definem o que uma substância é, a saber, ser *um certo isto* (*Metafísica*, VII.17, 1041b7-8) e ser separado.

No entanto, não se deve considerar a forma como algo independente do composto substancial⁷, mas como uma propriedade imanente ao sínolo (*Metafísica*, VII.11, 1037a29-30), a qual é responsável por atribuir aos componentes materiais determinada unidade (*um certo isto* (τόδε τι)) e independência (ser separado (χωριστόν)) composicionais. Isto porque, ao término do processo da geração composicional, os constituintes materiais passariam a adquirir outras propriedades intrinsecamente relacionadas entre si e comuns a todo *unificado*, e por isso passariam, também, a manifestar certa *independência* quanto a outros tipos de unidades entitativas. Com efeito, penso que (i) “*um certo isto*” e ser (ii) “separado” remeteriam justamente e de um modo direto aos sentidos de, respectivamente, (i) “algo uno” ou “uma unidade” (*Metafísica*, VII.12, 1037b27), e (ii) “o que é independentemente de outra coisa”, exatamente por ser separado. Entretanto, tal leitura seria uma variante de outras formas de procurar compreender a questão, particularmente com relação ao sentido de χωριστόν (“separado”) como um traço distintivo da substância.

Há uma literatura estabelecida e, a partir dela, uma discussão em torno da problemática da noção de χωριστόν (WOLFGANG, S., 2023; ZILLIG, R., 2021b, trabalho em elaboração), a qual estaria estreitamente associada à noção de τόδε τι, envolvida no exame dos critérios para a determinação da natureza substancial dos seres naturais⁸. Por exemplo, há uma linha in-

7 A forma só é separada por meio de abstração, podendo ser expressa pelo enunciado (*Metafísica*, VIII.1, 1042a29-30).

8 Nas próximas linhas, pretendo apenas traçar um apontamento geral acerca das diferentes perspectivas sobre a noção de χωριστόν, que podem ser encontradas na literatura em torno desta problemática em particular, sobretudo no âmbito ligado a questões mais restritas ao campo da *Metafísica*. No entanto, o ponto a ser destacado aqui seria, sem maiores pretensões, procurar ver em que medida as noções de τόδε τι e de χωριστόν, tomadas em certo sentido, poderiam se valer como critérios para a determinação da natureza substancial dos diferentes tipos de seres naturais.

terpretativa, sendo talvez a que contaria com o maior número de adeptos, que compreende a separação das substâncias em termos de independência segundo à existência.

De acordo com esta perspectiva, algo - como uma substância - apenas seria efetivamente separado, caso fosse capaz de *existir* de um modo independente em relação a outras coisas. Nesta visão, parece que as formas não seriam separadas em um sentido ontológico, dado que elas não poderiam existir desprovidas de um substrato material, mas somente como parte de certa substância sensível individual. Desta maneira, as formas seriam compreendidas como substância de substâncias individuais, de modo que elas não comportariam uma separação *in concreto*, mas *in abstracto*, enquanto elementos de coisas particulares. E as formas existiriam separadamente das propriedades acidentais dos entes sensíveis particulares. No entanto, uma vez que tais entes não existiriam sem certas propriedades acidentais, a separação seria entendida no tocante a determinados acidentes específicos de dada entidade individual (ROSS, 1924, p. xci; FINE 1984, p. 38; WEDIN 2000, p. 62; MILLER, 2012, pp. 309-310).

No entanto, para alguns intérpretes, a visão segundo a qual a substancialidade de algo seria delimitada em termos de independência segundo à existência não possibilitaria estipular, precisamente, a diferenciação entre entes propriamente substanciais e entes não substanciais (BOSTOCK, 1994, 57-60; CORKUM, 2008, pp. 72-73). Por exemplo, certo atributo acidental como a palidez poderia existir em Sócrates somente em dado momento, porém ele não poderia existir sem o atributo qualitativo universal: cor, pois Sócrates sempre terá alguma cor. Sendo assim, Sócrates, tomado como um exemplo de substância, nunca poderia existir separadamente de uma cor, a qual é um atributo acidental. Ademais, um acidente como a palidez poderia existir de um modo separado ou independente em relação a Sócrates, na medida em que poderia existir em outro ente particular, como Cálías, apesar de, como Ross (1924, xci-xcii) parece ter reconhecido, as substâncias, diferentemente dos acidentes, poderem existir sem um *sujeito* a elas necessariamente inerentes.

Uma outra linha interpretativa influente procuraria sustentar a ideia de que as substâncias não são separadas no sentido de independência quanto à existência, mas sim separadas no sentido de independência quanto à essência (SPELLMAN, 1995, p. 86; PERAMATZIS, 2011, p. 126; DAHL, 2019, pp. 73-74). Nesta perspectiva, de um modo geral, procurar-se-ia sustentar a tese de que a separação da substância corresponde ao “correlato ontológico” da separação segundo o enunciado, de modo a considerar a forma como o fator

fundamental da separabilidade substancial, visto que em certos trechos Aristóteles argumenta na direção de que a forma seria separada apenas quanto ao enunciado (*Metafísica*, VIII.2, 1042a27-28; *Física*, II.1, 193b3-5).

Além disso, Phil Corkum (2013, p.65) recusaria ambas as abordagens acima referidas, ou seja, a referente à *separabilidade existencial* e a ligada à *separabilidade essencial*, tratando da questão da separabilidade das substâncias em termos de *independência ontológica*. Ele parece propor, distintamente destas duas abordagens, a ideia segundo a qual os entes *particulares* seriam separados em seus respectivos seres, na medida em que eles se apresentam como entes independentes de outros seres. Deste modo, os acidentes e os universais, tais como o gênero animal e a espécie humana, seriam, cada quais, considerados em certo sentido seres, somente porque eles de alguma ou outra maneira estariam associados ou seriam ditos dos entes particulares, que representariam as substâncias no pleno sentido da expressão, de maneira que os acidentes e os universais não existiriam de um modo independente em relação às substâncias particulares.

As variantes interpretativas acerca da noção de χωριστὸν (“separado”) como critério para a determinação do caráter substancial de algo, brevemente mencionadas acima, procuram, via de regra, estabelecer uma investigação geral dos itens que se apresentariam como tipos categoriais do ser, envolvendo um exame da categoria propriamente substancial, analisada enquanto universal (gêneros, espécies) e particular, bem como a sua relação com as outras entidades acidentais, tais como qualidade, quantidade, relação etc. No entanto, a investigação sobre esse ponto estará restrita, aqui, a um exame direcionado à análise da substância particular, individual, no sentido de procurar delimitar mais especificamente “o elemento substancial nas substâncias individuais” (ROSS, 1924, pp. xcii-xciii)⁹, em função dos seus três aspectos principais, ou seja, a matéria, a forma e o composto de matéria e forma.

Como indicado mais acima (p. 3), a matéria seria uma má candidata a assumir o posto de corresponder ao traço ou ao elemento central de substancialidade que caracterizaria determinado composto natural, por justamente não satisfazer a condição de ser *um certo isto* separado. O composto de matéria e forma, por sua vez, é *simplesmente separado*, ou *separado sem mais* (χωριστὸν ἀπλῶς) (*Metafísica*, VIII.1, 1042a30-31), compreendido no sentido de ser

9 “Aristotle is not content to leave it at that, to insist on the difference between individual things and their qualities and relations [...]; he strives to find the substantial element in individual substances” (ROSS, 1924, pp. xcii-xciii).

simplesmente algo separado, de um ponto de vista ontológico; contudo, tomar o composto de matéria e forma como o aspecto característico daquilo que se identifica com o que é fundamentalmente substancial não deixaria de comportar certa dificuldade, visto que o composto, ou o sínolo, é algo que advém, que resulta, de uma relação causal intrinsecamente articulada entre os princípios formal e material e, portanto, se encontraria em uma condição de posterioridade (*Metafísica*, VII.3, 1029a31) em relação à forma e à matéria¹⁰.

A forma, no entanto, diferentemente do sínolo, não se portaria como algo simplesmente separado, mas sim somente separado λόγῳ, ou seja, pelo enunciado, ou quanto ao enunciado (*Metafísica*, VIII.1, 1042a29), no sentido de ser algo efetivamente separado apenas por abstração; mas a compreensão de substância, entendida como substrato último e *um certo isto* separado, não implicaria necessariamente em uma compreensão de separabilidade estritamente em termos de entidade composta de matéria e forma.

Como Angioni observou, haveria dois sentidos de οὐσία (substância) em Aristóteles (ANGIONI, L., 2008, pp. 383-384, p. 387). Em um sentido, (i) οὐσία é entendida como causa do ser, a qual é responsável por atribuir certas

10 A substância composta seria ontologicamente posterior à matéria, ao mesmo tempo em que satisfaria os critérios de substancialidade ao ser *um isto* (τόδε τι) determinado e separado (χωριστόν), sendo que a matéria não. Daí poderia surgir o problema de por que, então, o composto ser posterior à matéria. Parece haver, em Aristóteles, duas noções de matéria: a (i) matéria subjacente e a (ii) matéria apropriada (ANGIONI, L., 2007, p.81). A matéria no sentido de (i) matéria subjacente, formulada no Livro I da *Física*, seria aquilo que subjaz ao processo do vir a ser, apresentando-se como item independente das características contrárias: forma e privação. Por exemplo, o bronze, considerado em si mesmo, é uma substância composta de matéria e forma, mas em relação ao processo de geração de uma estátua é identificada como a matéria que subjaz à forma (estátua) e, no processo de corrupção, a matéria que subjaz à privação (da forma). O bronze - considerado como natureza subjacente e princípio do devir - revela-se como algo independente da forma e da privação, persistindo ao movimento pelos quais as coisas se transformam. Deste modo, a relação da matéria com a forma e com a privação revela ser uma relação de natureza contingente. Por outro lado, a matéria no sentido de (ii) matéria apropriada, de acordo com Ackrill, não poderia apresentar o papel de natureza subjacente, relacionando-se de um modo independente com relação à forma, tal como sustentado no Livro I da *Física* (ACKRILL, 1979, pp. 65-75), pois não haveria um componente material (por exemplo, no caso dos seres vivos: cabeça, mãos, carne, ossos) que persistisse ao processo de geração e corrupção. Porém, conforme é sugerido no Livro II da *Física*, no trecho em que Aristóteles afirma que, nas coisas naturais, a matéria já está dada em vista da função (194b7-8) (ou seja, em vista das funções vitais dos seres vivos), a matéria, neste caso, desempenharia uma relação de interdependência com relação à forma. Assim, na passagem da *Metafísica* em que Aristóteles sustenta a ideia de que o composto se encontraria em uma condição de posterioridade (VII.3, 1029a31) em relação à forma e à matéria, ele estaria se referindo ao sentido (i) de matéria, isto é, como algo subjacente aos processos de devir, e não no sentido (ii) de matéria apropriada a certa constituição formal. Seria, portanto, com relação ao sentido (i) de matéria como subjacente que ela não é dita ser algo definido (*Metafísica*, VII.3, 1029a21), sem antes ser determinada por certo princípio formal, de maneira que a matéria, neste sentido, não poderia satisfazer a condição de ser *um certo isto* e de ser separada. Ver, também, a nota 4.

propriedades essenciais que caracterizam a natureza própria de certo composto de matéria e forma, sendo não separada *sem mais* (ἀπλῶς), mas *pelo enunciado* (λόγῳ) na análise do processo constitutivo de um ente natural; em outro sentido, (ii) οὐσία é entendida como a substância composta de matéria e forma, a qual apresenta a condição de ser separada *sem mais*, ou simplesmente separada de outras substâncias.

Deste modo, a οὐσία (i) seria capaz de explicar justamente por que dada οὐσία (ii) comporta certas propriedades que determinam essencialmente o que a οὐσία (ii) é, atribuindo a ela uma separação ou independência ontológica em relação a outros entes naturais, ao mesmo tempo em que confere a ela, também, o estatuto de ser *um certo isto* caracterizado por ser dotado de certa unidade intrínseca. Isto se dá na medida em que a matéria subjacente do sínolo, ou seja, da οὐσία (ii), que corresponde aos quatro elementos: fogo, ar, água e terra, e que existe aquém e além do processo de geração e de corrupção de um composto de matéria e forma (*Física I*), em função da οὐσία (i), isto é, de uma causalidade formal, vem a adquirir determinadas propriedades¹¹ que, no composto, passam a se tornar a matéria apropriada (*Física II.2*, 194b7-8), sem a qual dado composto natural não seria identificado e definido como tal¹².

11 A combinação dos quatro elementos que resulta na constituição dos organismos é, em ato, algo distinto dos elementos materiais da qual é composta, mas esses elementos não deixam de preservar em si e por si mesmos, em potência, as suas características essenciais. Deste modo, as coisas misturadas enquanto tais são, e não são, na medida em que as suas partes constituintes deixam de ser o que são em ato, e passam a ser em potência em relação ao todo do qual são partes. Neste sentido, em uma passagem da *Geração e Corrupção*, Aristóteles escreve o seguinte: “Uma vez que os entes [sc. sensíveis] são em potência e em ato, é possível que as coisas misturadas sejam, de certa forma, e não sejam, resultando algo diverso delas em ato, mas, cada uma em potência, ainda, o que era antes de ser misturada, e não se corromper” (Ἐπεὶ δ’ ἐστὶ τὰ μὲν δυνάμει τὰ δ’ ἐνεργείᾳ τῶν ὄντων, ἐνδέχεται τὰμιχθέντα εἶναι πως καὶ μὴ εἶναι, ἐνεργείᾳ μὲν ἐτέρουδόντος τοῦ γεγονότος ἐξ αὐτῶν, δυνάμει δ’ ἔτι ἐκατέρου᾽ ἄπερ ἦσαν πρὶν μιχθῆναι, καὶ οὐκ ἀπολωλότα) (*Geração e Corrupção*, I.10, 327b23-26).

12 Neste sentido, Mary L. Gill, ao analisar a passagem 1049a24-29 de *Metafísica IX.7* declara o seguinte: “At each stage the matter below contributes certain properties to the entity above it, but that higher entity is identified by other properties that make it the definite entity that it is” (GILL, M. L., 1989, p. 156). Na referida passagem da *Metafísica*, Aristóteles procuraria argumentar no sentido de que quando se diz de algo, na linguagem corrente, a partir do que ele é feito, e não deste algo do modo como é determinado enquanto tal, aquilo de que algo é feito seria sempre em potência em uma relação direta a este algo. Assim, por exemplo, uma caixa não é referida como sendo madeira, mas *de madeira*, e nem se diz de madeira que é terra, mas *feita de terra*, sendo que terra *em relação* à madeira não é algo determinado, e nem madeira em relação à caixa. A madeira só poderia ser considerada como algo determinado como tal, isto é, como madeira em si e por si própria, e não como referida a algo do que, por exemplo, uma caixa poderia ser feita. E a matéria da caixa não seria, propriamente, terra, mas madeira, pois não se diz que a caixa é feita de terra, mas de madeira, apesar da madeira ser feita de terra. Neste sentido, madeira poderia ser dita, de

A matéria apropriada de um composto natural confere certa unidade a esse composto, através do processo de geração de dada οὐσία (ii), mediante a intervenção da οὐσία (i). Considerando o processo de reprodução sexuada dos animais como exemplo, conforme Furth argumentou, o σπέρμα (esperma) fornecido pelo macho – contendo o πνεῦμα (*pneuma*), que atuaria como um instrumento¹³ (*Geração dos Animais*, V.8, 789b2-9) da alma (οὐσία (i)) -, ao interagir com o καταμήνια (mênstruo) fornecido pela fêmea no ato conceutivo, desencadeia a atividade de transformação embrionária. Nesta atividade, a partir de certo *corpo homogêneo* (ὁμοιομερής), isto é, o mênstruo, surge *gradativamente* um corpo provido de partes heterogêneas, *um corpo não homogêneo* (ἀνομοιομερής), de acordo com determinada estrutura específica (οὐσία (ii)) (*Geração dos Animais*, I.17-22). Em outros termos, a partir de um corpo indiferenciado surge um corpo especificamente e complexamente estruturado, de modo a manifestar uma unidade consistente, que Aristóteles associaria a um τόδε τι, ou seja, a *um certo isto* (FURTH, M., 1978, p. 638).

The advent of individuality is paripassu with that of form, in being gradual rather than instantaneous, in coming by degrees; and one is complete only when, and because, the other is. It is a view on which something's being

uma maneira apropriada, caixa em potência, e terra não, relativamente à caixa, porém sim, relativamente à madeira. Agora, se supormos que a terra seria feita de ar, e se o ar, por sua vez, não é identificado ao fogo, mas feito de fogo, o fogo, então seria a primeira matéria (ἄλη πρώτη) por meio da qual algo vem a ser feito e, como tal, não seria *um certo isto* (τόδε τι). Gill, então, argumenta que, considerando os níveis composicionais de algo, assim como o fogo, constituinte do ar, não é τόδε τι, o ar, constituinte da terra, também não seria τόδε τι (GILL, M. L., 1989, p. 156). No tocante ao fogo, como elemento constituinte do ar (como também poderia ser o caso do ar, como elemento constituinte da terra), Gill declara: “The fire that has been made into air is not itself a definite stuff that has acquired a new set of properties. Instead, the name “fire” when applied to the constituent matter of air specifies only a set of properties that modify the air. The particular air is called “fire-n” because the air possesses the properties of fire, yet the identity of air is determined by other properties that make the air to be air” (GILL, M. L., 1989, p. 156).

13 O *pneuma* é provido de calor vital ou anímico (*Geração dos Animais*, III.11, 762a20) e de certos movimentos formativos (*Geração dos Animais*, II.6, 743a26-29) próprios a cada espécie, sendo que tal calor seria concebido por Aristóteles como um instrumento da ψυχή. Mas, como observou Freudenthal, tal calor não desempenharia apenas esse papel. O calor vital se relacionaria de uma maneira mais estreita com as potencialidades anímicas de um ser vivo. Haveria certo paralelo entre o calor vital na análise “fisiológica”, e a alma na análise das funcionalidades ou capacidades vitais. Neste sentido, a forma seria um elemento ou um fator que se apresenta *intrinsecamente* ao composto natural, de caráter sensível, sendo o atributo responsável pela natureza substancial desse composto: “It is erroneous to think of Aristotle’s vital heat as merely an efficient cause used by the soul as an ‘instrument’. Aristotle [...] rather construes vital heat as formative: where vital heat acts on suitable matter, it endows it with forms; it warms and at the same time also informs. [...] In Aristotle’s theory, matter is structured not by extraneous Forms, but rather by the vital heat that is immanent to the substances existing at any given moment” (FREUDENTHAL, G., 1995, p.3).

an individual or a “unity” in the requisite sense is a phenomenon to be explained, as coming about by something’s being “unified,” which is not to be distinguished-or at best with difficulty-from something’s being “formed”; the degree to which a kind of thing is “formed” and the degree to which that kind of thing is “unified” similarly merge together. The substances, in these terms, then, are most formed, and paripassu are most individuated and least heaplíke. This connection helps to clarify a number of very recalcitrant cruxes, as to the relationship between form and “this”. (FURTH, M., 1978, p. 638)

Assim, o que resulta do processo, no qual algo como um agregado passa gradativamente a comportar um relativo grau de unidade e complexidade interna, representaria aquilo que Aristóteles denomina como sendo *um certo isto*, um τὸδε τι, e tal unidade estaria intimamente relacionada à condição de separabilidade, na medida em que ela expressaria certa independência, também, em relação a alguma outra coisa. Desta forma, entendo que *um certo isto* (τὸδε τι) separado (χωριστὸν), que caracteriza a substancialidade de um composto natural, em certo sentido, equivaleria a algo como uma junção entre a οὐσία (i) e a οὐσία (ii), isto é, entre a causalidade formal, ou a causa responsável por determinar o traço substancial de um ente, e o composto de matéria e forma, na exata medida em que o princípio da causalidade formal, ao se fundir e, por conseguinte, se converter em uma propriedade (ou um conjunto articulado de propriedades essenciais, provenientes da matéria apropriada) intrínseca ao sínolo, faz com que ao mesmo tempo o composto se torne algo uno e independente.

No composto de matéria e forma, a matéria subjacente dos elementos deixa de apresentar as suas propriedades próprias, de modo a comportar outras propriedades, agora, comuns ao todo, e que expressam o que este composto é, por meio de uma matéria apropriada capaz de efetivar as suas propriedades essenciais, que definem a realidade mesma desse composto. Neste sentido, *um certo isto* (τὸδε τι) separado (χωριστὸν) corresponderia ao atributo formal, ou essencial, imanente ao sínolo, sendo, justamente, o substrato (ὑποκείμενον) último (mais determinante), que garante certa unidade e independência a um ente natural, ou, em outros termos, que garante o caráter substancial de um ente natural. Trata-se assim, estritamente, da *forma imanente*¹⁴.

14 Talvez, essa compreensão de χωριστὸν associado à forma imanente se aproxime mais ou menos da visão de Spellman sobre a questão, na medida em que ela atribui o caráter de separabilidade de uma substância ao correlato ontológico da definição, uma vez que o component definitório de um ente natural corresponderia, justamente, ao traço formal de um composto de matéria e forma,

A forma imanente (τὸ εἶδος τὸ ἐνόν) (*Metafísica*, VII.11, 1037a29) seria, então, o atributo responsável por outorgar determinada natureza substancial à matéria, e, ao mesmo tempo, seria o fator responsável pela causa dessa natureza, que corresponde ao caráter essencial de dado tipo composicional, o qual, por sua vez, determina estritamente o que algo é. No caso do animal, por exemplo, a forma ou o atributo substancial, que é, também, o agente causador da realidade essencial de seu ser como tal, coincide com a alma (ψυχή) dos animais (*Metafísica*, V.8, 1017b14-16).

A alma do animal - caracterizada pela faculdade ou capacidade nutritiva (δύναμις θρεπτική) ligada às funções de nutrição e de reprodução, bem como e principalmente pela faculdade ou capacidade sensitiva (δύναμις αἰσθητική), cuja propriedade fundamental está relacionada à sensação do tato¹⁵ (*De Anima*, II.2, 413b1-8) -, promove tanto o processo de geração quanto a constituição da unidade composicional do todo orgânico. Tal unidade material é estruturada, de um modo complexo, a partir dos quatro elementos (fogo, ar, água e terra) que formam as partes homogêneas (carne, osso, tendão etc.), os quais, por sua vez, formam as partes não homogêneas (mãos, coração, pulmões etc.) (*Partes dos Animais*, II.1, 646a12-25; *Geração dos Animais*, I.1, 715a9-12), que, por fim, perfazem a compleição orgânica.

ou seja, à forma imanente: “To be separate in definition, so Aristotle tells us, is to be such that in a definition of A no reference is made to B - that is, in saying what A in itself is we do not need to say that it is (a) B. Likewise what it means for A to be separate from B, if separation is the ontological correlate to separation in definition, is that A would be such that B is not at any time (part of) what A in itself is. What I now want to argue therefore is that, when he says that substances must be separate, by ‘separation’ Aristotle in fact has in mind the ontological correlate of definitional separation” (SPELLMAN, L., 1995, p. 86). No entanto, certamente há diferenças, pois aquilo que considero como o correlato da definição é a propriedade ou o traço substancial que não é separado em si (a não ser em definição), mas o elemento ou o princípio responsável justamente por tornar o composto algo separado.

15 A alma sensitiva apresenta certa série ordenada, na qual certas faculdades sensitivas pressupõem outras, assentadas em um plano mais fundamental. A faculdade sensitiva mais básica corresponde ao tato (ἄφή) - incluindo o paladar (γευσίς) que, para Aristóteles, é um tipo de tato (*Parte dos Animais*, II.10, 657a1; II.17, 660a23) -, a qual pressupõe as demais, a saber, as relativas ao olfato (ὄσφρησις), à audição (ἀκοή) e à visão (ὄψις) (*De Anima*, III.12, 434b13 e ss.), de modo que se houver essas últimas três, sempre haverá a primeira e, por vezes, acontece de o tato ocorrer sem as demais, “pois muitos dos animais não têm nem vista, nem audição, nem sensação do cheiro” (π ολλὰ γὰρ τῶν ζῴων οὐτ’ ὄψιν οὐτ’ ἀκοήν ἔχουσιν οὐτ’ ὀσμῆς αἰσθησιν) (*De Anima*, II.3, 415a5-6). No entanto, a alma sensitiva não se restringiria às funções perceptivas, mas, como consequência disto, compreende também o prazer ou a dor e, por isso, a capacidade desiderativa (ὀρεκτικόν), presentes em todos os animais (*De Anima*, II.3, 414b1-2). Além do mais, há duas capacidades que derivam da faculdade sensitiva, mas que não se encontram em todos os animais: trata-se da capacidade (i) imaginativa (φανταστικόν) e (ii) motriz (κινητικόν) (*De Anima*, II.3, 414b16-17).

No caso dos animais, tomados, aqui, como exemplos de composições substanciais, o fator determinante da unidade do todo orgânico, que, ao mesmo tempo, expressa a natureza formal e, portanto, essencial de seu ser, diz respeito à alma do animal, a qual corresponde à capacidade de realização de certas funções vitais ligadas às capacidades nutritiva e, sobretudo, sensitiva da alma. E é justamente por esta razão, isto é, por ser causa da unidade e *essência* (τὸ τί ἦν εἶναι), que a alma do animal se identifica com a substância desse composto, ou com seu elemento substancial, uma vez que, de acordo com Aristóteles: “a essência é dita ser a substância de cada coisa” (τὸ τί ἦν εἶναι λέγεται εἶναι ἢ ἐκάστου οὐσία) (*Metafísica*, VII.6, 1031a17-18) individual ou em particular.

A essência é a forma imanente que atribui ao composto, ou ao sínolo, o caráter de ser *um certo isto* (τόδε τι) e de ser separado (χωριστόν), ou seja, que atribui ao composto o caráter de ser uma unidade independente. E é tal unidade independente que, precisamente, define a οὐσία (substância) de algo. Sendo assim, os desenvolvimentos subsequentes a respeito da substância, ou do traço substancial de uma coisa, terão em vista esse sentido estrito de οὐσία. De fato, na *Metafísica*, Aristóteles declara o seguinte: “julga-se sobretudo que o separado e o *um certo isto* pertencem à substância” (τὸ χωριστόν καὶ τὸ τόδε τι ὑπάρχειν δοκεῖ μάλιστα τῇ οὐσίᾳ) (*Metafísica*, VII.3, 1029a27-28).

3. O aspecto gradativo-composicional dos entes naturais

Tendo delimitado o critério para a determinação da substancialidade dos entes naturais, ou dos entes sensíveis¹⁶, a partir das noções de *um certo isto* (τόδε τι) e de separado (χωριστόν) entendidas, respectivamente, no sentido de “unidade” e de “independência”, bem como tendo identificado o traço propriamente substancial de algo à forma imanente (τὸ εἶδος τὸ ἐνόν) de um composto de matéria e forma por meio do referido critério, tratarei, agora, de discernir os diferentes tipos de corpos presentes na realidade natural, de acordo com a concepção aristotélica de natureza. Além disso, com base nos distintos tipos de compostos naturais, procurarei delinear uma escala gradativa em função do grau de unidade e de independência constitucionais, que seria manifestado por tais compostos.

16 Em *Metafísica*, VIII.1, 1042a24-25, Aristóteles diz o seguinte: “Agora, reexaminaremos a respeito das substâncias comumente admitidas. E essas são as sensíveis” (νῦν δὲ περὶ τῶν ὁμολογουμῶν ἐνόν οὐσιῶν ἐπέλθομεν. αὗται δ' εἰσὶν αἱ αἰσθηταί).

É sabido que Aristóteles toma o organismo vivo como o exemplo paradigmático de οὐσία (substância) natural. Através de suas obras de filosofia natural como um todo, e considerando também, ao menos, os livros centrais da *Metafísica*, isto é, os livros VII e VIII - quanto à questão da substância -, é notória a recorrência do filósofo aos organismos vivos quando se trata de mencionar exemplos de substâncias naturais, de um modo primordial. Com efeito, Aristóteles declara o seguinte no livro VII da *Metafísica*:

As gerações naturais são essas em relação às quais a geração é a partir de natureza, aquilo de que vem a ser, que denominamos matéria, e aquilo pelo que algo dos que são por natureza vem a ser, e o “algo” é ser humano, ou planta, ou alguma outra dessas coisas, as quais dizemos que são sobretudo [μάλιστα] substâncias¹⁷. (Metafísica, VII.7, 1032a15-19)

Coisas tais como ser humano, planta ou alguma outra dessas coisas (seres vivos) são ditas μάλιστα οὐσίας, ou seja, são ditas *sobretudo substâncias*¹⁸. Dotados de partes não homogêneas, de partes *orgânicas* ou *instrumentais* (ὀργανικὰ), os organismos vivos representariam o tipo de compostos naturais que mais notadamente manifesta o traço da forma imanente impressa no substrato material e, portanto, representariam, ao mesmo tempo, os compostos naturais que mais denotariam a característica de ser uma unidade independente. Tal característica ocorreria sobretudo pelo fato de os organismos vivos comportarem de uma maneira mais clara certo acabamento – em relação a outros tipos de seres naturais -, bem como, a partir desse *acabamento* ou desse *fim* (τὸ τέλος), o *em vista de quê* (τὸ ἔνεκά του) ou *aquilo em vista de quê* (τὸ οὗ ἔνεκα) sob seus vários aspectos anímico-funcionais, em função de um conjunto intrinsecamente articulado de partes não homogêneas, instrumentais, que perfaz o todo orgânico através de um arranjo complexo de partes não homogêneas, o qual, por sua vez, é composto na base pelos quatro elementos (*Partes dos Animais*, II.1, 646b5-8).

17 αἱ δὲ γενέσεις αἱ μὲν φυσικαὶ αὐτὰ εἰσιν ὧν ἡ γένεσις ἐκ φύσεώς ἐστιν, τὸ δ' ἐξ οὗ γίγνεται, ἢν λέγουμεν ὕλην, τὸ δ' εὐφ' οὗ τῶν φύσει τ' ὄντων, τὸ δὲ τὸ ἀνθρώπος ἢ φυτὸν ἢ ἄλλο τι τῶν τοιούτων, ἃ δὴ μάλιστα λέγομεν οὐσίας εἶναι.

18 Nas *Categorias*, Aristóteles declara que uma substância não seria mais substância do que outra (*Categorias*, 2b22-28). Contudo, não caberia conferir a esse tratado a tarefa de demarcar os critérios definitivos e resolutivos à noção de οὐσία (ANGIONI, L., 2000, p. 161, nota 49). Neste sentido, Matthen procurou sustentar que as *Categorias* seriam um tratado no qual se procuraria, antes, estabelecer os fenômenos a serem explicados por uma teoria da substância mais elaborada (MATTHEN, Mohan, 1978, pp. 228-243), sistemática e consistente, o que ocorreria nos livros VII e VIII da *Metafísica*.

Nas causalidades finais, a essência de um ente natural se daria de um modo mais evidente, e são nas coisas que se apresentam como “instrumentos e em vista de algo” (ὄργανα καὶ ἔνεκά του) que o atributo formal ou essencial se expressaria sobremaneira, “pois está mais claro que o cadáver é homem homonimamente” (μᾶλλον γὰρ δῆλον ὅτι ὁ νεκρὸς ἄνθρωπος ὁμωνύμως), ou seja, está bem claro que, quando um ser humano vem a falecer, as características que o definiam enquanto tal, as suas funcionalidades vitais, deixaram de existir e, por conseguinte, um homem morto somente seria dito “homem” por homonímia (*Meteorológicos*, IV.12, 389b28-31).

No entanto, seria mais difícil discernir quando uma parte homogênea de um organismo vivo, ou uma composição homogênea de um modo geral - levando em conta também os metais e minerais -, deixa de apresentar as características essenciais que a determina como tal, uma vez que o traço formal desse tipo de compostos naturais é menos fácil de ser identificado e a definição de tais entes não seria precisa (*Meteorológicos*, IV.12, 390a19), relativamente ao conjunto intrinsecamente articulado de partes não homogêneas que perfazem a compleição orgânica, como por exemplo os olhos, o coração, os pulmões, os braços, as pernas, o rosto etc..

A dificuldade relacionada à identificação do traço formal dos corpos homogêneos residiria no fato de que a natureza desses corpos comportaria apenas certo τέλος/τελείωσις, ou seja, certo acabamento ligado ao seu tipo de composição natural¹⁹ (*Meteorológicos*, IV.2, 379b18, 379b25) - e não um τὸ ἔνεκά του, um *em vista de quê*-, intimamente associado a eles, que poderia ser realizado a partir de um acabamento composicional apropriado capaz de permitir a atuação de operações anímico-funcionais, próprias aos seres vivos. Os corpos homogêneos, que incluem as partes orgânicas, por exemplo, o osso, a carne, o tendão, o sangue etc. e, de um modo geral, os metais e os minerais, por exemplo, a prata, o bronze, o ferro etc. (*Meteorológicos*, IV.10, 388a14-17), são caracterizados, enquanto, *sic et simpliciter*, compostos homogêneos²⁰, não

19 A questão a respeito de um aspecto de acabamento ou finalidade (τέλος/τελείωσις), associado ao traço formal dos corpos homogêneos inanimados, será desenvolvida e tratada de um modo mais detalhado em outro artigo, a ser submetido ao processo de publicação em uma revista especializada, intitulado: “O ponto de intersecção entre compostos naturais propriamente e não propriamente substanciais em Aristóteles”.

20 Os corpos homogêneos entendidos na medida em que os inanimados, como o bronze e a prata, são considerados καθ’ αὐτά (“por si mesmos”), e os animados, como a carne e o osso, considerados enquanto (i) κατὰ συμβεβηκός (“por concomitância”) relativamente à constituição orgânica da qual eles essencialmente fazem parte, e (ii) καθ’ αὐτά (“por si mesmos”) na ocasião da morte do ser vivo. Ou, ainda, quando um membro ou uma parte do organismo vivo é desvinculado do todo

por determinadas capacidades funcionais relacionadas às exigências da vida, tais como as atividades de reprodução, nutrição, de sensação, de locomoção etc., mas por certas qualidades próprias (*Geração dos Animais*, I.18, 722b30-33), tais como solidificável, fundível, fragmentável, impressionável etc. (*Meteorológicos*, IV.8, 385a11-18).

Deste modo, seria mais difícil notar a presença ou não das propriedades essenciais das partes homogêneas na ocasião da morte de um indivíduo, do que notar a presença ou não das propriedades essenciais das partes propriamente orgânicas ou instrumentais, isto é, das partes não homogêneas. Neste sentido, então, seria mais difícil notar, por exemplo, quando a carne deixaria de apresentar os seus atributos característicos enquanto carne considerada isoladamente - sem levar em conta a sua função no contexto orgânico²¹-, como certa maleabilidade, certa textura, certa elasticidade etc., do que constatar que, no cadáver, não se evidencia mais, por exemplo, a funcionalidade anímica da sensação ligada aos órgãos dos sentidos.

Na ocasião em que as partes homogêneas, a modo de agregados, compoariam cadáveres mais antigos²², preservando alguma “forma orgânica” das partes não homogêneas no tocante apenas à configuração externa, e estando muito degradadas ao ponto de se converterem em cinzas nos sepulcros (*Meteorológicos*, IV.12, 390a20-23), as suas características essenciais deixariam, precisamente, de se manifestar. No entanto, seria mais difícil determinar, na ocasião do processo de corrupção de um corpo homogêneo inanimado, quando se daria ou não a ausência total de suas propriedades essenciais, como, por exemplo, certa fundibilidade, certa fragmentabilidade, certa solidez etc. do ferro.

Além dos organismos vivos e dos compostos homogêneos inanimados, haveria um tipo de composição natural mais básico, que corresponderia às combinações elementares. Os corpos formados por mera combinação seriam um tipo de composição natural simples, no qual as partes se preservam como

orgânico, em virtude, por exemplo, da amputação de um braço, que é composto por carne, osso etc.; com a ressalva de que, nestes casos referentes ao ponto (ii), a carne ou o osso não seriam mais definidos, estritamente, como “carne” ou “osso”.

21 Para Aristóteles, a carne corresponderia à parte orgânica relacionada à percepção sensorial do tato (ἄφῆ) (*Partes dos Animais*, II.8, 653b23-24).

22 Com efeito, Aristóteles diz que um homem morto estaria mais bem constituído de “carne” ou de “osso” do que de mão ou de braço (*Geração e Corrupção*, I.5, 321b31-32), visto que o organismo vivo, na ocasião da morte, deixa de apresentar as suas propriedades formais, as quais estão associadas aos fatores orgânico-funcionais das partes não homogêneas e da compleição orgânica como um todo.

são em uma relação de simples justaposição (*Geração e Corrupção*, II.7). O fogo, o ar, a terra e a água seriam exemplos de composições desta natureza (*Metafísica*, VII.16, 1040b8-10), todavia não enquanto elementos de natureza, respectivamente, ígnea, aérea etc., mas sim aquele tipo de *combinação*²³ (*Geração e Corrupção*, II.3, 330b21-25) constatada empiricamente como, por exemplo, o fogo de uma queimada, a terra do solo, a água de um lago etc. Estas combinações perceptivelmente indiferenciadas se ajustariam em um nível mais básico de composições naturais, pois o substrato de todas elas é idêntico, ou seja, o fogo de uma queimada seria apenas constituído pelo elemento Fogo de natureza ígnea, a terra do solo apenas pelo elemento Terra de natureza terrosa, a água de um lago apenas pelo elemento Água de natureza aquosa etc.²⁴.

Entretanto, tais composições elementares não constituiriam *em efetividade* certas unidades, a não ser se consideradas como sendo *em potência* efetivas unidades, ou *em potência* propriamente substâncias, pois os componentes materiais por meio dos quais elas são compostas só se manteriam associados entre si segundo uma relação de simples justaposição, ou de simples contiguidade (COHEN, S. M., 1996, p. 131). As combinações elementares somente constituiriam verdadeiras unidades independentes, ou verdadeiras substâncias, na medida em que, através de uma atividade de *cocção* (πέψις), alguma outra coisa deles viesse a ser gerada (*Metafísica*, VII.16, 1040b5-10), como por exemplo a prata, que é uma mistura homogênea inanimada - ainda que em uma condição, digamos assim, “precária” relativamente aos organismos vivos.

No entanto, como observado por S. M. Cohen, as credenciais que permitiriam que algo fosse considerado precisamente uma substância estariam em “*função do tipo e do grau de unidade*” (COHEN, S. M., 1996, p. 04), que esse algo apresentaria. Sendo assim, os compostos elementares não se enquadrariam entre as coisas que contam como sendo, propriamente, substâncias, ou

23 “Combinação”, aqui, traduz o termo grego μικτόν (*Geração e Corrupção*, II.3, 330b22) de μικτός, “misturado”. Neste contexto, o termo μικτόν, ou μίγμα, não seria algo equivalente ao termo técnico μίξις (mistura), no sentido de ser uma “união de coisas miscíveis que foram alteradas” (ή δὲ μίξις τῶν μικτῶν ἀλλοιωθέντων ἔνοσις (*Geração e Corrupção*, I.10, 328b22)), em função da qual se dá a composição de um corpo homogêneo, mas somente remeteria a ideia de algo não simples, ou não puro, sendo alguma coisa composta. De acordo com Joachim: “*The terms μίγμα, μικτόν in this chapter are not used in the strict sense of ‘chemical compounds’ [...], but simply in contrast to τὸ ἀπλοῦν, τὸ εἰλικρινές* (JOACHIM, Harold H., 1922, p. 217).

24 Neste sentido Joachim afirma o seguinte: “*To each of ‘the so-called elements’ there corresponds a really-simple body, which resembles it in character, but is not identical with it. Thus, for example, πρώτηὺλη informed by hot-dry is not the same as fire: but it is ‘fiery’ in character, and is the pure simple body, of which our fire is an impure or modified form*” (JOACHIM, Harold H., 1922, p. 217).

os quatro elementos, talvez, pudessem apresentar algum indício de substancialidade, mas em um grau mínimo, imperfeito ou bastante rudimentar. Desta maneira, como Angioni declara:

Aristóteles concebe uma gradação nos níveis em que se pode atribuir a algo a característica de ser uma ousia. Assim, embora os organismos vivos sejam ousiai no sentido mais pleno da palavra, os quatro elementos se apresentam como ousiai em menor grau, pois por si mesmos constituem apenas agregados [...] e, no mais das vezes, se apresentam antes como constituintes de entidades complexas capazes de se apresentar efetivamente como ousiai dotadas de uma unidade e complexidade interna mais satisfatória. (ANGIONI, L., 2000, p. 161)

Os compostos elementares não satisfariam a condição de comportarem uma unidade mais consistente e, portanto, de comportarem também certo grau mínimo de independência, porque, na combinação, as propriedades essenciais próprias dos elementos não deixam de apresentar outras propriedades comuns ao todo composicional, em função de uma causalidade formal. No composto elementar, trata-se apenas de uma justaposição de componentes constituintes de uma, por assim dizer, *pseudo*-unidade, que somente viria a se tornar uma unidade de fato, um τὸδε τι, caso, a partir da cocção, surgisse do aglomerado alguma propriedade comum ao todo composicional (*Metafísica*, VII.16, 1040b8-10). Haveria em Aristóteles, então, certo tipo de hierarquia de substâncias (οὐσίαι) naturais, na qual, nas palavras de Angioni, “o grau em que um item conta como ‘ousia’” estaria “em proporção direta ao grau de sua unidade e coesão interna²⁵” (ANGIONI, L., 2000, p. 161, nota 49), de modo que a medida de coesão interna seria correspondente à dimensão de independência da unidade substancial.

25 Freudenthal nota que embora “Aristotle nowhere treats the problem of the cohesion of substances systematically, it is yet possible, on the basis of important hints dispersed here and there in his extant writings, to make explicit a rich theory, that can perhaps be described as Aristotle’s chemistry of cohesion” (FREUDENTHAL, G., 1995, p. 149).

4. Considerações finais

Em conformidade com a concepção aristotélica, o mundo natural parece revelar, ao menos, como Fine aponta, “três tipos principais de coisas: os elementos, as misturas homogêneas e as substâncias heterogêneas” (FINE, K., 1995, p. 266), sendo que essas últimas corresponderiam aos organismos vivos. Neste sentido, M. Gill reconhece que, no âmbito do mundo sublunar, matéria e forma se articulam para promover a ocorrência de corpos ou de compostos naturais de maior ou menor perfeição (GILL, M. L., 1989, p. 42), de maior ou menor integridade. Nesta perspectiva, haveria uma escala gradativa na qual os elementos estariam situados na sua parte mais inferior, assumindo uma natureza fundamentalmente material; em uma posição intermediária, apresentar-se-iam os corpos homogêneos, como os metais e os minerais; e, mais acima na escala, estariam as plantas, os animais e os seres humanos.

G. Freudenthal também concebe uma *scala naturae*, envolvendo tipos de composições naturais, porém, em tal *scala*, a base seria estabelecida a partir dos corpos homogêneos inanimados, uma vez que é a partir desses corpos que procederia, de um modo mais fundamental, uma unidade de fato, com certa independência em relação a outros tipos de unidades, seja as combinações elementares (*pseudo* unidades) ou os organismos vivos, que comportariam uma espécie de individualidade de caráter mais consistente, isto é, seria a partir dos corpos homogêneos inanimados que sucederia uma substância natural propriamente dita, em um nível mais elementar, com relação aos seres vivos.

At the bottom of the scala naturae are the inanimate substances, whose inhering natural heat, which they acquired during their initial concoction, just holds them together, giving them material persistence [...]. Next come the plants, which already have at their disposal 'a natural source of heat' (PA 2. 3, 650a5 f., a20 f.): their vital heat is supplied by the earth, which is thus the origin of what, on the psychological plane, is their 'nutritive soul' [...]. Henceforth the source of vital heat is located in the substance itself (the heart or its analogue), with successive increases of the vital heat gradually redressing the living beings, until man's upright position is reached. (FREUDENTHAL, 1995, pp. 65-66)

No tipo de unidade *propriamente substancial* mais básico, isto é, do corpo homogêneo, o calor ambiente seria incorporado à composição, de modo que não bastaria apenas, por exemplo, os elementos fogo ou terra (*Partes dos Animais*, I.1, 640b22-23), por si sós e a modo de agregados, gerar algo como o

ferro ou a prata. Mas, na medida em que o calor externo do meio circundante é internalizado ao composto em formação, desencadeia-se um processo de cocção que, através de uma mistura de elementos, resulta na consumação de um corpo homogêneo²⁶ (*Meteorológicos*, IV.2, 379b18-22).

Depois dos corpos homogêneos inanimados, em uma posição mais elevada na escala das *substâncias* (em sentido estrito) naturais, encontram-se as *plantas* (*φυτὰ*), as quais a fonte de absorção do calor, que se situa no subsolo, se dá por meio da raiz (*Partes dos Animais*, II.3, 650a20-23). Nas plantas, o calor externo do ambiente daria origem ao, ou seria transformado em, calor vital, que, de acordo com a passagem de Freudenthal citada acima, permitiria a realização das funções vitais, examinadas, neste plano de análise, em termos de atividades anímicas.

Em um nível mais acima das plantas, apresentam-se os animais e os seres humanos. A incorporação e a preservação do calor vital nos animais e nas plantas não dependeriam mais de condições externas do meio ambiente, mas de uma fonte internalizada de fornecimento, correspondendo ao coração ou ao análogo (*ἀνάλογον*)²⁷ (*Parva Naturalia*, 469b10-12), por intermédio, ao que tudo indica, dos movimentos pulsativos. Sendo assim, nota-se, então, que o aspecto gradativo das substâncias naturais ocorreria em função de um menor ou de um maior grau de determinação da absorção, ou da incorporação, do calor nas distintas formações composicionais, e da relativa gradação de precisão quanto à manutenção desse calor nas variantes espécies de entes naturais.

Com efeito, no caso dos corpos homogêneos inanimados, o calor incorporado do ambiente e a posterior conversão de tal calor em calor vital nas plantas, bem como o calor vital produzido por meio de uma fonte internalizada de fornecimento nos animais e nos seres humanos, seriam os fatores responsáveis por garantir, na medida em que são preservados nos respectivos tipos de substâncias naturais, a manutenção da matéria apropriada. A matéria

26 Theodore Scaltsas parece considerar que os corpos homogêneos inanimado não comportariam um traço propriamente substancial, apesar de ser gerada uma nova entidade através do processo de formação de uma mistura (*μίξις*) de elementos, pois a relação entre matéria e forma não seria a mesma de uma articulação que ocorreria por meio desses dois princípios em uma composição de constituição “autenticamente” substancial (SCALTSAS, T., 2009, pp. 244-245). No entanto, considero que a partir da geração de uma mistura, ou de um corpo homogêneo inanimado, constituir-se-ia, efetivamente e genuinamente, uma composição substancial. A este respeito ver: (“outro artigo do mesmo autor”).

27 Por exemplo, o análogo do coração nos insetos seria aquela parte que desempenharia a mesma função em um mamífero, embora careça de um nome específico. Esta ideia valeria, também, para outras partes além do coração.

apropriada das substâncias naturais seria, justamente, o fator que expressaria as características formais ou essenciais dessas substâncias, e que, outorgariam a elas a condição de serem certas unidades separadas, através da matéria subjacente dos elementos, de um modo simples ou rudimentar nos corpos homogêneos inanimados, de um modo medianeiramente mais desenvolvido nas plantas, e de um modo mais complexo nos animais e nos seres humanos.

Referências

Obras de Aristóteles

- ARISTÓTELES. *Aristotelis categoriae et liber de interpretation*. L. Minio-Paluello-Oxford: Clarendon Press, 1949.
- ARISTÓTELES. *Aristotelis de generatione animalium*. H.J. DrossaartLulofs -Oxford: Clarendon Press, 1965.
- ARISTÓTELES. *Aristotelis meteorologicorum libri quattuor*. FH. Fobes - Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1919.
- ARISTÓTELES. *Aristotelis Opera*. BEKKER, I. (ed.). Academia Regia Borussica, Vols. I-II, Berlim, 1831.
- ARISTÓTELES. *Aristotle's metaphysics*, 2 vols. W.D. Ross - Oxford: Clarendon Press, 1924.
- ARISTÓTELES. *De anima*. W.D. Ross - Oxford: Clarendon Press, 1961.
- ARISTÓTELES. *De la génération et de la corruption*. C. Mugler - Paris: Les Belles Lettres, 1966.
- ARISTÓTELES. *Meteorologica*. H. D. P. Lee - London: The Loeb Classical Library, 1952.
- ARISTÓTELES. *Parts of Animals; Movement of Animals; Progression of Animals*. A. L. - Peck. London: The Loeb Classical Library, 1961.
- ARISTÓTELES. *Aristotelisphysica*. W.D. Ross - Oxford: Clarendon Press, 1950.

Literatura Especializada

- ACKRILL, J. L. *Aristotle the Philosopher*. Oxford: Clarendon Press, 1981.
- ANGIONI, Lucas. *O hilemorfismo como modelo de explicação científica na filosofia da natureza em Aristóteles*. Belo Horizonte, *Kriterion*, vol. XLI, n.º. 102, 2000 pp. 136-164.
- ANGIONI, Lucas. *A Noção Aristotélica de Matéria*, in *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (série 3, v. 17, n.1). Campinas, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência – Unicamp, 2007, pp. 47-90.
- ANGIONI, Lucas. “*As Noções Aristotélicas de Substância e Essência*”, Campinas, Editora UNICAMP, 2008.
- BOSTOCK, D. *Metaphysics. Books Z and H - Translation and commentary*. Oxford: Clarendon, 1994.
- COHEN, Sheldon M. *Aristotle on Nature and Incomplete Substance*. NY: Cambridge University Press, 1996.
- CORKUM, P. “Aristotle on Ontological Dependence”. *Phronesis* 53, 65-92, 2008.
- CORKUM, P. “Substance and Independence in Aristotle”. in: B. Schnieder, A. Steinberg & M. Hoeltje (eds.). *Varieties of Dependence: Ontological Dependence, Supervenience, and Response-Dependence. Basic Philosophical Concept Series*, PhilosophiaVerlag, 36-67, 2013.
- DAHL, N. *Substance in Aristotle’s Metaphysics Z*. Palgrave Macmillan, Cham, 2019.
- FINE, G. ‘Separation’. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* Volume II, 31-87, 1984.
- FINE, K. “The Problem of Mixture”. Lewis, Frank A. and Bolton, R. (eds.), in *Form, Matter, and Mixture in Aristotle*. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 1996, pp. 82-182.
- FREUDENTHAL, G. *Aristotle’s Theory of Material Substance: Heat and pneuma, Form and Soul*. Oxford, 1995.
- FURTH, M. “Transtemporal Stability in Aristotelian Substances”. In *The Journal of Philosophy*, Vol. 75, No. 11, 1978, pp. 624-646.
- GILL, M. L. *Aristotle on Substance: The Paradox of Unity*. Princeton, 1989.
- JOACHIM, Harold H. *Aristotle On Coming-To-Be & Passing-Away (De Genetatione et Corruptione)*. A Revised Text with Introduction and Commentary. Oxford: Clarendon Press, 1922.
- MATTHEN, Mohan. “The Categories and Aristotle’s Ontology”, in *Dialogue – Vol. 17/ Issue 02*, 1978, pp. 228-243.
- MILLER, FD. ‘Aristotle on the Separability of Mind’, in: Shields, C. (ed.). *The Oxford Handbook of Aristotle*, OUP, Oxford, 306-39, 2012.
- PERAMATZIS, M. *Priority in Aristotle’s Metaphysics*. Oxford University Press, Oxford, 2011.
- ROSS, D. *Aristotle’s Metaphysics – A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross*. Oxford: Clarendon, 1924.

SCALTSAS, Theodore. “Mixing the Elements” in *A Companion to Aristotle*. Ed. Anagnostopoulos, G. Blackwell Publishing, pp. 242-259, 2013.

SPELLMAN, L. *Substance and Separation in Aristotle*. Cambridge University Press, Cambridge, 1995.

WEDIN, M. V. *Aristotle’s Theory of Substance. The Categories and Metaphysics Zeta*. OUP, Oxford, 2000.

WOLFGANG, S. “Sobre a Separação das Substâncias Aristotélicas: Um Panorama Opinativo”. In *Substância na História da Filosofia – Levy, L., Araújo, C., Rocha, E. M., Guerrero, M. K., Almeida, F. F. (Organizadores)*. Traduzido do inglês por Renan E. Stoll. Pelotas: Dissertatio Filosofia, pp. 135-159, 2023.

ZILLIG, R. *Separação*. Trabalho em elaboração, 2021.